

As experiências realizadas pelo projeto “Arte/Cidade” estabeleceram um conjunto de procedimentos, tanto no que se refere à escolha de situações quanto às táticas artísticas e urbanísticas empregadas. Como avaliar o dispositivo engendrado pelo conjunto das intervenções? Quais foram os resultados propriamente estéticos das intervenções realizadas por “Arte/Cidade”? Qual o efeito urbanístico – econômico, social e político – que o projeto produziu? O acelerado processo de integração global das cidades tem alterado radicalmente as condições e os princípios das intervenções urbanas. Megaprojetos de redesenvolvimento e grandes instituições culturais estão conduzindo uma profunda reestruturação das cidades, em escala global. Exigindo um novo repertório – técnico, estético e institucional – e novas estratégias para a ação no espaço urbano.

“Arte/Cidade” é um projeto de intervenções urbanas que vem se realizando em São Paulo, Brasil, desde 1994¹. Seu ponto de partida é a metrópole contemporânea enquanto espaço complexo e dinâmico, em permanente mutação, engendrando novas e inusitadas configurações urbanas. Operações que questionam o estatuto e os procedimentos convencionais da arte, da arquitetura e do urbanismo, na medida em que enfrentar os processos engendrados pela globalização exige transcender as abordagens e técnicas estabelecidas.

A proposta é tomar São Paulo como um campo onde todas as questões sobre as cidades e a arte estão sendo jogadas. Quando as recentes políticas urbanas de revitalização e as formas estabelecidas de arte pública entram em colapso diante da complexidade e escala das novas situações, “Arte/Cidade” se propõe a discutir novas estratégias urbanas e artísticas de intervenção em megacidades.

“Arte/Cidade” visa intervenções capazes de transcender sua localização imediata e remeter ao vasto território da megacidade e das reconfigurações globais da economia, do poder e da arte. Provocar nossa percepção para situações que não se revelam mais apenas à exploração *in loco*, ao escrutínio visual. Intervenções que levem em consideração os processos de reestruturação metropolitana e global, mas que se contraponham à apropriação institucional e corporativa dos espaços urbanos e das práticas artísticas.

Trata-se de consolidar o repertório desenvolvido pelos projetos mais recentes para o espaço urbano. É indispensável, para se operar em escala urbana, desenvolver instrumentais e procedimentos estéticos e técnicos adequados: conversão das propostas individuais em projetos (com desenhos técnicos), equacionamento das questões técnicas (materiais, estruturais) e políticas (relações com as comunidades e poderes públicos envolvidos) colocadas para sua implantação.

As experiências realizadas por “Arte/Cidade” estabeleceram um conjunto de procedimentos, tanto no que se refere à escolha de situações quanto às táticas artísticas e urbanísticas empregadas. Mas estas modalidades de prática no espaço urbano também suscitam questões, por causa de suas relações com operações de redesenvolvimento urbano e com políticas de instituições ligadas à arte.

Como avaliar o dispositivo engendrado pelo conjunto das intervenções promovidas por “Arte/Cidade”? Qual o papel e o significado de que este processo artístico acabou se revestindo? Qual o efeito urbanístico – econômico, social e político – que o projeto produziu? O acelerado processo de integração global das cidades tem alterado radicalmente as condições e os princípios das intervenções urbanas. Megaprojetos de redesenvolvimento e grandes instituições culturais transnacionais estão conduzindo uma profunda reestruturação das cidades, em escala global. Exigindo um novo repertório – técnico, estético e institucional – e novas estratégias para a ação no espaço urbano.

Quais foram os resultados propriamente estéticos das intervenções realizadas por “Arte/Cidade”? De que modo princípios e procedimentos estabelecidos pelos projetos influenciaram iniciativas artísticas que, desde então, tiveram por parâmetro o espaço urbano? Uma análise da recepção de “Arte/Cidade” – e das obras específicas ali realizadas – ainda está por ser feita. Retrospectivamente, as diversas intervenções artísticas talvez possam ser vistas como, em parte, ainda comprometidas com estratégias escultóricas em grande escala, percepção fenomenológica de objetos colocados no espaço. Diversos outros parâmetros conceituais e operacionais ainda precisariam ser introduzidos nesta prática artística para que seus efeitos sejam mais intensos e abrangentes. Estratégias que permitam confrontar os aparatos institucionais, discursivos e econômicos próprios da cidade e do “mundo da arte”. Evidenciar como a produção do espaço urbano e da cultura – bem como a recepção deste processo – tem se tornado cada vez mais submetida às relações econômicas e de poder.

Uma maneira de enfocar a questão seria analisar o destino dos lugares onde ocorreram as intervenções, alguns convertidos em centros culturais, shoppings e grandes projetos de desenvolvimento urbano, com torres residenciais e de escritórios. Outras áreas converteram-se em favelas ou estão ocupadas por atividades informais. As novas destinações destes espaços são, portanto, de natureza muito distinta, assim como o papel que “Arte/Cidade” eventualmente pode ter tido nesse processo.

Diante da nova relação entre arte e desenvolvimento urbano, quais são as alternativas que se abrem para projetos de intervenção nas metrópoles em processo de reestruturação global? Eles podem voltar-se para as vastas áreas, extraordinariamente complexas e dinâmicas, informes, excluídas dos projetos de desenvolvimento urbano. Podem apontar para alternativas à ocupação, por megaprojetos de desenvolvimento imobiliário, adensadores e estruturantes, de áreas hoje desinvestidas. Indicando, diversamente, programas

que correspondam à indeterminação dinâmica desses territórios intersticiais. Propostas de configurações e usos de infra-estrutura que intensifiquem e diversifiquem as articulações na trama metropolitana. Intervenções programáticas potencializadoras de situações urbanas, em relação direta com as comunidades. Distintas de obras ditadas pelo desenho existente da cidade e pelos interesses econômicos e sociais dominantes. Uma possibilidade de introduzir novas estratégias urbanas.

Nos últimos anos, assistimos a um fenômeno que viria a alterar por completo os parâmetros de avaliação do espaço urbano e a amplitude das intervenções: a integração global das maiores metrópoles, com o surgimento de grandes projetos urbano-arquitetônicos promovidos pelo capital internacional. Eles tendem a configurar enclaves auto-suficientes, dominados por grandes estruturas arquitetônicas e isolados do resto do tecido urbano, abandonado à decadência, à exclusão social e à violência.

Em estreita articulação com este processo, consolida-se a tendência aos megamuseus e exposições temáticas de itinerância internacional, que passam a subordinar a produção e a percepção estéticas à mesma lógica espacial global, com seus imensos ambientes artificiais e cenografados. Uma monumentalidade que disponibiliza a cidade e a arte ao espetáculo e ao turismo cultural.

Não é mais possível conceber projetos para o espaço urbano sem considerar esta nova grande escala. Dada a crescente complexidade espacial, institucional e social das situações urbanas, toda a intervenção tem de levar em conta este intenso processo de reestruturação das cidades. O que implica a necessidade de desenvolver estratégias contrapostas à circunscrição espacial, à forma arquitetônica totalizante e à instrumentalização institucional ou corporativa da arte.

Estas são as questões que atravessam o trabalho de implantação de “Arte/Cidade”. O projeto é preparado em três fases: uma extensa pesquisa urbanística sobre a região, a seleção de sítios e o desenvolvimento dos projetos de intervenção. A pesquisa, disponibilizada aos artistas e arquitetos participantes, focaliza o papel da área na reestruturação global de São Paulo. Ela é completada por um levantamento das possíveis situações de intervenção; áreas que apresentassem a complexidade estrutural e as dinâmicas socioespaciais que caracterizam a megalópole.

Procura-se partir não de localizações isoladas, mas de toda uma região, compreendendo os processos de reestruturação urbana, os elementos arquitetônicos e os modos de ocupação existentes. Um novo modo de escolha de situações para intervenções artísticas e urbanísticas, partindo criticamente das estratégias desenvolvidas pelos artistas desde a *land art* e pelas práticas urbanísticas de revitalização. Essas áreas foram visitadas por todos os participantes, que contribuíram com importantes sugestões de leitura e novas locações, enriquecendo o mapeamento originalmente proposto.

A partir deste trabalho, os artistas e arquitetos convidados desenvolvem suas propostas. Como levar em consideração, quando da elaboração dos projetos de intervenção, as múltiplas e complexas determinações que

afetam essas situações? Como possibilitar aos participantes, muitos deles estrangeiros, operar com esses fatores? Um grupo de apoio, formado por arquitetos e engenheiros, acompanha o desenvolvimento de cada projeto, procurando estressar ao limite suas potencialidades estruturais e técnicas e seu alcance urbanístico e social. As possibilidades de intervenção em áreas urbanas e no edificado, os problemas de sustentação estrutural, o uso de materiais e dispositivos eletrônicos são estudados, em cada caso, visando a experimentação e a transgressão das funções convencionais.

A complexidade e a escala das situações propostas não permitem, sob pena de se submeter acriticamente a elas, um processo de trabalho que não seja fundado em projetos técnicos e apoios operacionais adequados. Procura-se assim evitar uma adequação intuitiva, em geral estetizante, aos locais. Além de romper com os procedimentos hoje cristalizados em projetos para sítio específico. Evitar que as locações sirvam apenas de contexto, pano de fundo para obras apenas alusivas, simples comentários das situações.

As propostas desenvolvidas por “Arte/Cidade” não são, propriamente, projetos arquitetônicos e urbanísticos. Elas indicam estratégias alternativas para a reestruturação global da cidade, para políticas urbanas descentralizadas, baseadas na ativação desses espaços intersticiais, na dinamização sem concentração excludente, na heterogeneidade espacial e em diferenciais de velocidade. Trata-se de uma cartografia urbana intensiva, que evidencie a complexidade e a dinâmica da área, a diversidade da ocupação e a potencialidade das operações em curso. Trabalhar na interseção desses diferentes vetores, nos intervalos surgidos no tecido fragmentado e nos fluxos descontínuos da megalópole. Provocar rearticulações entre as diversas situações, amplificando seu significado e impacto urbano, cultural e social e intensificando a percepção, por parte da população, destes processos. Ao contrário dos dispositivos expositivos convencionais, “Arte/Cidade” assume um alto grau de experimentação, lidando com fatores e variáveis que escapam à previsão e ao controle; componentes que dizem respeito ao jogo dos atores no espaço urbano, uma indeterminação que é própria da cidade.

Intervenções em megacidades colocam a questão da percepção de grandes áreas urbanas, que escapam por completo ao mapa mental de seus habitantes, aos parâmetros estabelecidos pelo urbanismo, à gramática da arte para espaços públicos. Quais são as questões relativas à apreensão, pelo público, de intervenções nesta escala? A opção por uma região irredutível à experiência individual exclui a possibilidade de uma noção comum de dimensões e traçado. Quando as cidades estão adotando estratégias de monumentalização, voltadas para o marketing, a promoção imobiliária e o turismo cultural, “Arte/Cidade” procura evitar a espetacularização inerente a estes processos.

“Arte/Cidade” – originalmente um projeto de intervenções artísticas no espaço urbano – poderia evoluir para converter-se num campo de discussão sobre os processos de reestruturação urbana, onde intervenções artísticas e urbanísticas ganhem outra escala e significado? Será capaz de obter suficiente credibilidade para poder discutir iniciativas governamentais e de grandes

corporações privadas? É possível, no cenário vigente da administração das cidades e da cultura, dominado por operações corporativas e institucionais de grande poder econômico e político, criar um espaço público de debate sobre as alternativas de desenvolvimento urbano e de produção artística?

Nelson Brissac é filósofo, trabalhando com questões relativas à arte e ao urbanismo. Ele é o organizador e curador de "Arte/Cidade" (www.artecidade.org.br), um projeto de intervenções urbanas em São Paulo, desde 1994. Publicou: A sedução da barbárie. São Paulo: Brasiliense, 1982; Cenários em ruínas. São Paulo: Brasiliense, 1987; América. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; Paisagens Urbanas. São Paulo: Ed. SENAC, 1996; Brasmitte. Catálogo, 1997; Arte/Cidade - Intervenções Urbanas. São Paulo: Ed. SENAC, 2002. Está organizando "MacroBR", um projeto territorial na região sudeste do Brasil (www.mges-brasil.org).